

# HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Ariane Miguel da Silva<sup>1</sup>  
Elizandra Silva Peres<sup>1</sup>  
Karolinne A B de Almeida Pereira<sup>1</sup>  
Kawana Eduarda Elisa da Silva<sup>1</sup>  
Ana Clara Almeida da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo busca compreender o impacto da situação de vulnerabilidade social, nas habilidades sociais e relacionais de crianças de um projeto social do estado de Mato Grosso, Brasil. A partir da abordagem análise do comportamento, o nosso objetivo foi verificar como as contingências do ambiente influenciam no desenvolvimento de habilidades sociais. Esse trabalho foi possível através do relato de experiência de um estágio supervisionado no oitavo semestre de um curso de psicologia de uma instituição privada do estado de Mato Grosso.

**Palavras Chave:** Criança; Infância; Psicologia Vulnerabilidade social e Habilidades Sociais.

---

## SOCIAL SKILLS IN CHILDREN IN SITUATION OF SOCIAL VULNERABILITY: AN EXPERIENCE REPORT

**Abstract:** This article seeks to understand the impact of social vulnerability on the social and relational skill sof children who are members of a social project in Mato Grosso, Brazil. From the behavioranalysis is (a psychological approach), our objective was to verify how the environmental contingencies influence the development of social skills. This work was possible through na experience report of the eighth semestre of a psychology graduation at a private institution in the state of Mato Grosso.

**Keywords:** Child; Childhood; Psychology; Vulnerability social e Social skills.

---

<sup>1</sup> Discentes do 10º semestre da graduação em Psicologia do UNIVAG Centro Universitário, localizada em Várzea Grande/MT.

<sup>2</sup> Docente da graduação em Psicologia do UNIVAG Centro Universitário, localizada em Várzea Grande/MT e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. E-mail: aclara.psi@gmail.com

## 1.INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em um relato de experiência e resultado de uma atividade prática, realizado pelas autoras deste artigo, que teve por objetivo compreender o impacto da situação de vulnerabilidade social, nas habilidades sociais e relacionais de crianças de um projeto social, (projeto este que trás em sua ementa como objetivo, atender meninas em situação de vulnerabilidade social), e como as contingências do ambiente influenciam no desenvolvimento de habilidades sociais.

Faz-se necessário: descrever o projeto social em que o estágio foi realizado; relatar as experiências vivenciadas no estágio para comparar com os estudos bibliográficos; identificar situações que colocam crianças em vulnerabilidade social; investigar quais são os comportamentos emitidos e evocados pelas crianças durante os encontros.

Foram realizados oito encontros em um projeto social, que atende apenas meninas. Para atender unidades distintas as estagiárias foram divididas em duplas, onde duas estagiárias ficaram responsáveis pela unidade denominada A, e as outras duas responsáveis pela unidade B, para melhor compreensão, segue as descrições das diferenças das unidades no item resultados.

O Presente artigo pretende problematizar sobre crianças em situação de vulnerabilidade social. Segundo Guareschi et al. (2007), assuntos sobre vulnerabilidades sociais começaram a ser discutidos e trabalhados a partir da área dos direitos humanos, mais tarde vindo a ser incorporados no campo da saúde. Ainda segundo os autores, o conceito de vulnerabilidade social deve estar para além de colocar e rotular um indivíduo ou grupo com riscos, mas sim na condição de acesso as políticas públicas, bens materiais, segurança e serviços. Os autores destacam que este termo não deve se restringir apenas a questões econômicas, deve se contemplar também organizações políticas.

Em estudos realizados por Campos e Gusmão (2008), os autores destacam que o contexto de vulnerabilidade social é um contexto de privação, onde há mais chances de aprendizado por método punitivo do que por reforçamento:

Em relação ao rótulo de criança em situação de risco social e pessoal, estão sujeitos expostos a ambientes violentos, muitas vezes envolvidos pelo tráfico de drogas, abuso sexual, violência física e psicológica, negligência ou exploração. Um contexto de privações sociais e econômicas que encoraja comportamentos anti-sociais e compromete o desenvolvimento de comportamentos relacionados a auto-estima e ao autoconhecimento (CAMPOS E GUSMÃO, 2008, p. 2).

Desta forma buscou-se conhecer qual o contexto social que estas crianças estavam inseridas, possibilitando uma observação dos comportamentos por elas emitidos.

Conforme Del Prette e Del Prette (2005), ter um repertório elaborado de habilidades sociais é de fundamental importância para a criança ter uma boa relação com as pessoas. Habilidades que propiciam uma desenvoltura social podem contribuir para uma convivência e interação social mais agradável. Segundo os autores, as habilidades sociais são denominadas no campo da saúde como empatia, comunicação, lidar com emoções e estresse, solução de problemas e tomada de decisão. Ainda segundo Del Prette e Del Prette (2005):

Os estudos sobre os efeitos negativos da baixa competência social mostram que ela pode constituir: (a) sintoma de transtornos psicológicos; (b) parte dos efeitos de vários transtornos; (c) sinais de alerta para eventuais problemas em ciclos posteriores do desenvolvimento (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, pag. 18).

Sendo assim, será apontado o quanto o desenvolvimento de habilidades sociais pode contribuir com efeitos positivos no relacionamento da criança com outras pessoas.

Segundo Bellini-Leite (2012), os repertórios das habilidades sociais começam a se desenvolver desde os primeiros anos de vida de uma criança, para construir uma relação saudável em novos ambientes, se faz necessário a ampliação destes repertórios. Para o desenvolvimento dessas habilidades sociais em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, é importante proporcionar um ambiente favorável à construção de tais repertórios.

## **2.METODOLOGIA**

Foi usado como método para realização da intervenção encontros em grupos, onde foram realizados oito encontros, que aconteciam semanalmente, com duração de duas horas cada, em duas unidades diferentes do programa. As atividades escolhidas tiveram como proposta oferecer um ambiente que propiciasse um desenvolvimento no repertório de habilidades sociais. Foram utilizados os seguintes métodos e técnicas: rodas de conversa, gincanas, músicas, filmes, histórias e teatro.

Foi utilizada também a técnica de modelagem da análise do comportamento para propiciar um ambiente onde possibilitasse um desenvolvimento das habilidades sociais nas crianças. Conforme Borges e Cassas (2012), a modelagem é um processo de aprendizagem onde a resposta emitida é modificada gradualmente através de

reforçamento diferencial sendo feita aproximações sucessivas até se chegar na resposta final.

A modelagem como procedimento começa com o reforçamento de respostas que possuem alguma semelhança com a resposta-alvo ou que sejam pré-requisito para ela. Os critérios para reforçamento mudam conforme o responder vai se tornando mais próximo da resposta-alvo final (BORGES e CASSAS, 2012, p.166).

Segundo Sampaio et al. (2014) a roda de conversa é um espaço que possibilita o sujeito refletir sobre suas experiências de vida e permite se descobrir como construtor de sua própria história, as trocas de informações podem produzir reflexões críticas acerca das situações do cotidiano e promover mudanças, pois devem estar para além do sentar-se em roda. Ainda segundo os autores a roda de conversa é uma estratégia metodológica libertadora, por ser de forma espontânea fazendo com que o sujeito reflita sobre suas posições sociais e como se comportam.

Para Novaes (1989), o uso de instrumentos criativos como gincanas é fundamental para o processo de aprendizagem. A autora aponta que esses mecanismos tornam o ensinar-aprender mais inovadores e estimulantes, fazendo com que o sujeito possa estar mais envolvido nas atividades por ser uma forma diversificada e descontraída, além de promover a interação entre os participantes, também pode ter funções educativas.

É possível pensar que o uso de músicas em projetos sociais é uma forma alternativa de contribuir para o relacionamento interpessoal. Conforme Vergara (2003) a música pode provocar no sujeito a imaginação e reflexão. Ainda segundo a autora utilizar músicas pode estimular sensações de prazer na pessoa, o uso de filmes e histórias são atividades que promovem reflexões e discussões acerca do que é visto e pode provocar no sujeito a percepção de diversidades, valores, crenças e sentimentos.

As atividades em grupos configuram uma ferramenta importante para construção do sujeito. De acordo com Vergara (2003), as dinâmicas de grupos tem o intuito de estimular a integração entre as pessoas, permitindo a percepção das diferenças individuais, criatividade, competição, cooperatividade e autoconhecimento, fazendo com que o sujeito possa refletir acerca do tema proposto. Para Japiassu (1998), o teatro é um recurso que pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo. Segundo o autor, utilizar esse método possibilita a interação entre as pessoas, desenvolvimento na aprendizagem escolar, fortalece aspectos afetivos e crescimento pessoal.

### **3. RESULTADOS**

O grupo A era uma unidade com uma média de 35 a 40 meninas, localizada em um bairro de Cuiabá, Mato Grosso. Recém-reformada pela prefeitura a unidade tinha, um local totalmente voltado para atender as meninas do projeto, com sala grande climatizada, mesa e cadeiras, materiais didáticos, quadro branco, armários, biblioteca equipada, cozinha equipada e banheiros. Na equipe profissional tinham uma monitora e uma auxiliar, uma cozinheira e uma professora de dança que ministrava aulas uma vez por semana.

As participantes do projeto tinham entre 10 a 14 anos e participavam do projeto no horário que não estavam na escola. Muitas chegavam até o projeto por vontade de participar, outras por obrigação dos pais e algumas por mandado judicial.

O grupo B era uma unidade com uma média de 15 à 20 meninas, localizada em um bairro em Cuiabá, Mato Grosso. A unidade ficava localizada na área externa da Igreja Católica do bairro, cedida para o projeto, o espaço contava com mesas e bancos de madeira, ventiladores, quadro negro, uma cozinha e banheiros. Na equipe profissional tinham uma monitora e uma auxiliar e um professor de dança que ministrava aulas uma vez por semana. Nesta unidade as meninas chegavam até o projeto por vontade de participar ou por obrigação dos pais.

Para melhor compreensão dos encontros, ressaltamos que no grupo A ocorreram oito encontros, enquanto que no grupo B apenas sete, devido o grupo A ter iniciado suas atividades uma semana antes.

### 3.1 ENCONTROS DO GRUPO A

#### 3.1.1 Primeiro Encontro

O Primeiro encontro teve por objetivo auxiliar na apresentação e memorização dos nomes e características dos participantes do grupo e também apresentar o papel do psicólogo.

A dinâmica foi iniciada com grupo sentado em roda, onde foi explicado que iriam produzir um crachá, após a explicação, foi entregue um papel em branco para cada participante e elas personalizariam como quisessem. Informadas que não poderiam colocar os nomes, as mesmas fizeram os crachás, assim que finalizados, todos os crachás foram recolhidos e distribuídos aleatoriamente.

Quando informado que cada uma colocaria o seu nome no crachá que havia recebido, as mesmas emitiram diversos comportamentos, como, agressividade, jogar o crachá no chão, outras disseram que o crachá que havia recebido era “feio” ou até

mesmo que não gostavam das pessoas que haviam confeccionado aquele crachá. Outro questionamento feito por elas era do porquê de ter que ficar com o crachá do colega. Foi dito que nem sempre o que fazemos é feito para nós mesmos, que às vezes podemos fazer algo pelo outro. E uma pequena minoria delas, acabou dizendo que “tudo bem”, mas a maioria disse que não estava satisfeita e que se soubessem não tinham feito com capricho.

No segundo momento, ao falar sobre o papel do psicólogo, algumas integrantes do grupo falaram sobre o que sabiam, sobre um psicólogo. Pode-se notar que as que sabiam o que era um psicólogo, já tinham passado por atendimento psicológico. No decorrer das atividades de conversação, várias meninas não colaboraram e não prestaram atenção no diálogo.

Ao realizar o primeiro encontro, foi possível observar, as relações das meninas umas com as outras, com as monitoras do projeto, e como elas se interagiam dentro do grupo.

Após realizada a primeira dinâmica, foi notado que, durante a troca de crachás, algumas emoções parecem ter sido evocadas em cada uma das meninas, fazendo com que elas emitissem comportamentos e falassem coisas que expressassem o que estavam sentindo naquele momento.

Conforme Del Prette e Del Prette (2005):

A maioria das pessoas não lida bem com as emoções. Em grande parte isto acontece porque a educação não as preparou para o exercício da racionalidade, negligenciando os aspectos ligados ao sentimento (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, p.116).

Neste primeiro encontro, apesar de bem recebidas pelo grupo, foi usada uma dinâmica que mexeu com as emoções das participantes, e conforme citam os autores, muitas pessoas não sabem lidar com as emoções, ou por que não aprenderam ou por tentativas mal sucedidas.

### **3.1.2 Segundo Encontro**

O Segundo encontro teve por objetivo promover a empatia, ou seja, fazer com que as integrantes se colocassem no lugar das colegas.

Iniciada a dinâmica, que tinha o nome de “crueldade”. Nesta dinâmica cada uma tinha que escrever em um papel uma “prenda” para a colega do seu lado esquerdo, assim, ao escreverem, foi pedido para cada uma ler o que havia escrito para a colega ao lado. Informado então que cada uma teria que fazer a “prenda” que estava escrita no seu

próprio papel (a grande maioria escreveu para que a colega dançasse ou cantasse alguma música), foi percebido que algumas notaram qual era a intenção da dinâmica e escreveram coisas que elas não teriam vergonha de fazer ou representar e algumas se surpreenderam, pois tinham vergonha de representar o que estava escrito no papel.

Neste dia quase todas as meninas participaram e fizeram a atividade proposta na dinâmica, somente duas delas nos relataram que ficaram com vergonha e não representaram a “prenda”, porém na maioria uma apoiou e ajudou a outra na execução da “prenda” proposta.

No final, foi perguntado para o grupo como se sentiram, quando souberam que iriam fazer o que haviam escrito no seu próprio papel. A maioria disse que ficou com vergonha, mas que gostaram de fazer. Ao serem interrogadas sobre o que elas entenderam da dinâmica, algumas disseram que entenderam, e umas delas disse: que antes de desejar algo a alguém era necessário se colocar no lugar do outro. Concluída a dinâmica, foi colocado para o grupo a importância de se colocar no lugar do outro, e para completar a reflexão foi mostrado um vídeo que tinha como tema a empatia, onde a maioria delas conseguiu relacionar a dinâmica com o vídeo.

Pretendendo promover a empatia do grupo, foi perceptível que o objetivo da dinâmica foi atingido, pois além de conhecerem o significado da palavra empatia, o grupo também se mostrou empático no decorrer da atividade com as colegas.

Em termos gerais, de acordo com o dicionário Aurélio (2008) a palavra empatia significa: forma de identificação intelectual ou afetiva de um sujeito com uma pessoa, uma ideia ou uma coisa.

Del Prette & Del Prette (2001, p. 86) apud Del Prette (2005) ainda traz:

Enquanto classe de habilidades sociais, a empatia pode ser definida como a capacidade de compreender e sentir o que alguém sente em uma situação de demanda afetiva, comunicando-lhe adequadamente tal compreensão e sentimento (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005 P. 150).

Além de promover a empatia do grupo, foi possível perceber o quanto a dinâmica promoveu a compreensão e reflexão em relação ao assunto.

### **3.1.3 Terceiro Encontro**

O Terceiro encontro teve por objetivo garantir a interação do grupo, trabalhar a cooperação e fortalecer o vínculo com as estagiárias.

Iniciado o encontro, foi realizada uma conversa com as meninas sobre o fim de semana delas e como estavam os preparativos para a ida a um passeio que estava

marcado em comemoração ao dia das crianças, elas começaram a falar o quanto estavam ansiosas e alegres para esse passeio onde havia uma piscina.

Foi apresentada então a atividade planejada para elas naquele dia, uma gincana, onde a maioria gostou da atividade proposta.

Divididas em dois times, foi iniciada a gincana com todas participando das brincadeiras, porém no decorrer das brincadeiras algumas desistiram e isso parecia influenciar as outras a desistirem também, então, foi conversado com elas, perguntando o porquê elas não queriam mais brincar, percebeu-se que era pelo fato de não terem entendido a brincadeira, então explicávamos e elas voltavam para a brincadeira. E ao final um time venceu.

Após o término, sentamos em roda e foi perceptível que o grupo que fez mais pontos não estava manifestando nenhum comportamento que indicasse superioridade, assim como o grupo que fez menos pontos também não demonstraram tristeza.

Com a dinâmica foi possível perceber, que elas não se organizaram como um grupo e brincaram com individualidade, não se reunindo em nenhum momento para fazer qualquer estratégia para ganhar pontos ou ajudar umas às outras. Foi informado para elas que existia um prêmio para o grupo ganhador, assim, as que haviam feito menos pontos expressaram insatisfação. Quando perguntado se elas haviam se divertido, todas disseram que sim, e foi dito, que ganhava quem se divertia e ajudava o grupo, e que todas ali eram ganhadoras por isso todas iriam receber o prêmio que era um doce que havíamos levado.

Del Prette e Del Prette (2005), fala sobre a falta de conhecimento:

Independente das condições de aprendizagem, a falha em emitir a habilidade esperada pode ser decorrente da pouca familiaridade da criança com o ambiente e, portanto, de seu desconhecimento das normas e padrões socialmente aceitáveis ou valorizados nesse contexto. Esse desconhecimento pode dificultar: (a) a identificação dos objetivos relevantes para uma interação (por exemplo, desconhecendo o sentido de diversão e camaradagem que os colegas atribuem a um jogo, a criança o vê somente como oportunidade de vencer) (DEL PRETTE E DEL PRETTE, P. 53).

O fato das estagiárias terem levado para as meninas uma brincadeira comum, porém com intuito e valores desconhecidos por elas, nos levou a pensar que elas não emitiram comportamentos desejáveis para as estagiárias, ou, pelo fato de não conhecerem ou nunca terem tido contato com algo parecido, fez com que elas se implicassem somente com o brincar individualmente com o intuito de vencer e não de interagir e ajudar umas a outras.

### **3.1.4 Quarto Encontro**

O Quarto encontro teve como objetivo, observar a atenção e concentração do grupo e fazer com que elas interagissem com as colegas.

O encontro foi iniciado perguntando ao grupo o que elas estavam achando dos encontros, dando espaço para que cada uma falasse, elas disseram que estavam gostando dos encontros, agradecemos a participação delas nos encontros, dizendo que estávamos felizes com a colaboração de cada uma.

Foi perguntado sobre o encontro anterior, se elas haviam planejado alguma estratégia para ganhar, e a maioria sinalizou que não havia e nem pensado em grupo. Foi explicado então, para as meninas a importância do trabalho em grupo, e de como alguns grupos da atualidade dão certo através de estratégias e trabalho em equipe, para isso foi usado como exemplo a seleção brasileira de futebol. Em seguida, foi contada uma história para as mesmas, de uma lesma “Lucia-já-vou-indo”, todas escutaram atentamente a história que se tratava de uma lesma que só havia conseguido chegar a uma festa com a ajuda de suas amigas libélulas. Depois de contada a história, foi perguntada o que elas haviam achado, algumas falaram que para se conseguir algo muitas vezes é necessária a ajuda de outra pessoa.

Dividas em seis grupos aleatórios, foi entregue uma parte da história impressa para cada grupo, e também uma folha em branco, onde cada grupo teria que representar através de desenhos, foi pedido que usassem a criatividade para representar a história na folha, assim que terminaram cada grupo teria mais algum tempo para pensar em uma forma de apresentar a história para todas. Quando foi para iniciar, nenhuma das meninas queria ir à frente, algumas disseram que estavam com vergonha, foi contado para elas que também estávamos ali para aprender com elas, que quando estávamos na faculdade também, passamos por apresentações e que também ficávamos nervosas, foi colocada também a nossa dificuldade em falar em público, mas que apesar disso estávamos ali falando com elas, e que elas não precisariam ficar com vergonha ou nervosas. Após nos colocar no lugar delas e fazer com que elas nos vissem como estudantes, todas, sem exceção, de nenhuma, apresentaram. Ao final, foi perguntado o que elas tinham achado do encontro, e elas nos disseram que foi legal, nos foi sinalizado também que com a divisão aleatória dos grupos, conseguiram conversar com algumas colegas que nunca haviam conversado antes. Foi pedido para que cada uma pensasse em três palavras de gentileza para o próximo encontro.

Com o objetivo de observar a interação e atenção do grupo usando uma estória, foi possível perceber a interação do grupo, quando se empenharam em representar a estória.

Del Prette e Del Prette (2005) trazem em sua obra:

Pode-se aproveitar a situação de vivências para a inserção de objetivos de aprendizagem escolar, estabelecendo-se, assim, demandas para a aplicação e generalização de habilidades sociais no contexto de sala de aula (DEL PRETTE E DEL PRETTE 2005, P. 243).

Os autores explicam que trabalhar em grupos usando estórias que tenham objetivo de promover reflexões, que reforcem as habilidades sociais das crianças, e que se assemelhem com o contexto escolar, podem levar a uma generalização que reflita neste contexto.

### **3.1.5 Quinto Encontro**

O Quinto encontro teve como objetivo, estimular o uso de palavras que geram gentileza e trabalhar a criatividade.

Conforme solicitado na semana anterior, o encontro foi iniciado pedindo para que as meninas falassem três palavras de gentileza. Ao perguntar se haviam pensado, muitas falaram que tinham esquecido de pensar, e pensaram na hora.

Quando todas pensaram, foram entregues os materiais para elas e informado que iriam fazer um varal da gentileza, onde colocariam as palavras que elas pensaram, escrita em um papel onde pregariam em um varal que ficaria no projeto. Após fazerem essa atividade, foi solicitado para as meninas que dissessem o que sabiam sobre as palavras que haviam escrito, e se as utilizavam no seu dia a dia, algumas disseram que sim.

As estagiárias levaram para as meninas as observações que fizeram em alguns encontros, onde observaram que, sempre que uma colega falava, nem todas paravam para ouvir e ficavam conversando umas com as outras, que seria legal se elas escutassem mais as colegas, e que na maioria das vezes elas não atendiam as solicitações das estagiárias. Finalizado o encontro, as estagiárias falaram de como se sentiam quando elas não eram escutadas, e que sempre pensavam em um encontro legal para o grupo, porém elas precisavam ajudar para que desse certo. As estagiárias colocaram no varal algumas palavras para reforçarem comportamentos de gentileza nas meninas, como exemplo “colaboração”, onde explicaram o sentido da palavra e agradeceram a colaboração de todas nos encontros.

Conforme cita Del Prette e Del Prette (2005) em seu livro onde fala sobre as habilidades de civilidade, os autores trazem que essas habilidades podem ser entendidas como expressão comportamental das regras mínimas de relacionamento aceitas e/ou valorizadas e que o desenvolvimento desses repertórios de comportamento vai depender do grupo em que o indivíduo está inserido.

Trabalhar o uso de palavras que expressem educação, cordialidade, respeito é uma forma de reforçar e estimular as crianças a usarem essas palavras no seu dia-a-dia.

### **3.1.6 Sexto Encontro**

O Sexto encontro teve como objetivo, refletir sobre o comportamento assertivo, passivo e agressivo.

O encontro foi iniciado contando para as meninas duas situações fictícias que poderiam ocorrer no cotidiano delas e como elas reagiriam. A primeira situação seria: Se uma delas emprestasse um *short* para uma amiga e essa amiga manchasse esse *short*. E a segunda situação seria: Se alguém passasse por elas e derrubasse seus livros, no corredor da escola. Depois de contado os dois exemplos, a maioria das meninas, falaram que ficariam muito nervosas em ambas as situações, algumas meninas demonstraram passividade e outras agressividade.

Então, foi iniciada a dinâmica dividindo as meninas em seis grupos, onde três grupos encenariam a situação do *short*, e outras três a situação do livro. Para cada situação as cenas teriam que ter um grupo emitindo respostas de passividade, outro de assertividade e outro grupo agressividade.

Após a encenação dos grupos, foi perguntado qual seria a melhor forma de resolver as situações para cada grupo, grande parte das meninas disseram que a melhor forma seria a assertiva e conseguiram identificar os grupos que encenaram de forma assertiva, passiva e agressiva.

Ao final, foi colocado para o grupo sobre a importância de falar sobre os sentimentos, que às vezes é necessário fazer isso com cautela e que guardar os sentimentos e angústias para nós mesmos pode resultar em sentimentos ruins, como tristeza, sendo que é possível resolver essas situações cotidianas de várias outras formas.

Sendo assim, conforme citam Britto e Elias (2009):

No contexto terapêutico é comum observar pessoas expostas a eventos aversivos relatarem estados emocionais negativos como consequência da experiência: se a pessoa é reforçada por falar ou escrever sobre sentimentos,

disso resultará melhora dos seus estados emocionais negativos. Verbalizar ou escrever o que se sente são duas maneiras que uma pessoa encontra para lidar com os efeitos dos eventos aversivos (BRITO E ELIAS, 2009, P. 2-3).

### **3.1.7 Sétimo Encontro**

O Sétimo encontro teve como objetivo, promover a escuta e reflexão do grupo.

Foi iniciado o encontro dizendo para as meninas como estava sendo bom para nós estarmos naquele ambiente com elas, foi dito que no início a preocupação era voltada para alguns comportamentos delas, tais como comportamentos agressivos, dando o exemplo a dinâmica do crachá, onde foi visto muita colaboração e ajuda entre elas. Foi posto ainda que a preocupação era com a escuta e atenção das mesmas e que nem sempre elas ouviam as estagiárias, bem como não paravam para ouvir as colegas.

Foi levado para o encontro deste dia uma música com uma letra e ritmo diferente das músicas que as meninas costumavam ouvir. Foi colocada uma música da Banda Melin com nome “Peça felicidade”, que falava de amor, felicidade e doação, e foi pedido que escutassem com atenção, ao fim da música foi perguntado o que elas haviam entendido, e várias disseram que nunca haviam escutado a música. Assim, foi entregue a elas a letra da música e solicitado que elas escutassem novamente, pois seriam feitas algumas perguntas. Após isso, elas escutaram a música e foram feitas algumas perguntas para que elas refletissem: o que a letra da música falava, o que elas sentiram quando escutaram a música, se gostaram do ritmo, após as perguntas foi sinalizado a elas o que foi tratado no início da atividade, sobre a escuta ao colega e como isso pode contribuir em uma boa relação entre elas e com outras pessoas.

Segundo Del Prette e Del Prette (2005) na construção das habilidades sociais é importante a diferenciação entre “falar e ouvir”, onde refere-se a troca dos interlocutores entre o falante e o ouvinte.

Essa troca é efetuada, na maioria das vezes, com base em uma indicação sutil dos participantes da interação (pausas maiores, expressões faciais, movimentos de mão já convencionados na cultura etc.) ou, mesmo, de forma explícita, com o apoio de verbalizações como: Agora é a minha vez de falar! Se a criança não identifica ou não produz os sinais não-verbais para essa alternância, pode apresentar dificuldade na interação com colegas e mesmo com adultos, especialmente nas etapas iniciais de conversação e estabelecimento de amizades (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, P. 37-38).

### **3.1.8 Oitavo Encontro**

O Oitavo e último encontro, teve como objetivo, vivenciar um momento de *feedback* motivador entre as meninas do grupo, despertando para a importância da valorização do outro e do elogio.

Foi iniciado o último encontro presenteando as meninas com um mural de registros fotográficos de todos os encontros. Foi trabalhada a dinâmica denominada “a dinâmica do presente”. Foi levada uma caixa embalada como se fosse um único presente, e foi dito que apenas a pessoa que mais havia colaborado iria ganhar. O presente foi entregue para uma das meninas, mas a proposta da dinâmica era que o presente fosse passado para outra participante de acordo com uma qualidade, que a presenteada escolheria em outra participante. Ao final da dinâmica, foi pedido para que a última presenteada abrisse o presente, e ao abrir viu que o presente era para ser compartilhado com todas as meninas. A maioria disse que gostou, pois pensou que só uma receberia o presente.

As atividades foram encerradas agradecendo a colaboração de todas as meninas e todos os envolvidos. Por fim, foi realizada uma dinâmica reflexiva para o trabalho em equipe, recebendo do grupo um *feedback* e como foi o trabalho no grupo.

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), atualmente a falta de empatia é um dos fatores para produzir comportamentos anti-sociais e violentos, as pessoas não empáticas não conseguem experimentar qualquer desconforto pelo sofrimento que produzem no outro.

As habilidades empáticas se caracterizam pela expressão afetiva de compreensão e compartilhamento com a experiência positiva ou negativa do interlocutor, ou seja, colocam em foco as necessidades do outro. Assim, as habilidades de empatia podem, com frequência, neutralizar eventuais efeitos negativos do desempenho assertivo, já que este focaliza as necessidades e direitos da pessoa que o apresenta. Em outras palavras, quando as pessoas precisam negociar interesses e necessidades pessoais, a empatia é um complemento importante da assertividade, gerando maior equilíbrio na relação ( DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, P.116 ).

Sendo assim buscamos neste último encontro usar dinâmicas para fortalecer a união do grupo valorizando a empatia entre elas.

## 3.2 ENCONTROS DO GRUPO B

### 3.2.1 Primeiro Encontro

O Primeiro encontro teve por objetivo auxiliar na apresentação e memorização dos nomes e características dos participantes do grupo e apresentar o papel do psicólogo.

Inicialmente foi aplicada a dinâmica do crachá, onde os materiais foram distribuídos para cada uma das meninas elaborarem um crachá, porém foi orientado para deixarem um espaço em branco para colocarem o nome. Todas participaram, a grande maioria decorou utilizando várias cores e moldes, se tornando perceptível a criatividade e descontração entre elas na confecção. Ao finalizar, os crachás foram recolhidos e distribuídos aleatoriamente. Por fim, foi comunicado que cada uma iria escrever seu nome no crachá que recebeu e tentar descobrir quem fez o crachá, porém as meninas não aceitaram a proposta da dinâmica alegando que fizeram o crachá com amor e carinho para receberem em troca um feio e sem capricho da colega.

No segundo momento foi aplicada a dinâmica do círculo, onde uma voluntária se ausentava do grupo e o restante fazia um círculo. Quando a voluntária voltou a sua entrada foi dificultada para dentro do círculo, por fim, a voluntária conseguiu adentrar ao círculo com muita dificuldade. Foi perguntado o que elas achavam dessa dificuldade, de não ser bem recebida em algum lugar, a maioria respondeu sentir-se triste, então foi relatado o quanto foi gratificante para nós quando fomos bem recebidas por elas, que nos sentimos bem e com vontade de voltar novamente naquele ambiente. A maioria tinha um questionamento maior sobre a dinâmica do crachá, disseram até que não deu certo, mas a maioria disse que nos queriam no próximo encontro.

Conforme Del Prette e Del Prette (2005):

A aprendizagem sobre como lidar com as diferentes emoções ocorre geralmente por tentativas que, quando bem-sucedidas, se fortalecem. Portanto, é possível planejar melhor esse tipo de aprendizagem, proporcionando às crianças formas adequadas de lidar com suas emoções, tanto quanto com a racionalidade (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, P.116).

Foi possível observar neste primeiro encontro que apesar da receptividade das meninas, a dinâmica do crachá foi o que mais evocou emoções, sendo assim se fez necessário proporcionar um ambiente onde elas pudessem falar sobre essas emoções para conseguir lidar com elas.

### **3.2.2 Segundo Encontro**

O segundo encontro teve como objetivo, estimular o uso de palavras que geram gentileza e trabalhar a criatividade.

Foram entregues os materiais para decoração e um prendedor para cada menina, em seguida foi informado que iríamos confeccionar um varal da gentileza no qual elas deveriam de forma criativa decorar o seu próprio prendedor. Elas utilizaram

diversas cores na pintura dos prendedores, desenhos e cola *glitter*.

Após a confecção dos prendedores, as estagiárias explicaram sobre o significado da palavra gentileza, em seguida foi perguntado ao grupo qual foi a palavra mais gentil que disseram ou ouviram naquele dia para escrever e pendurar no varal. As estagiárias sugeriram que cada integrante do grupo pensasse alguma palavra de gentileza, algumas das meninas disseram não lembrar, já outras citaram gestos como “obrigado” e, ”por favor”. A menor participante do grupo relatou sobre ter dividido o lanche da escola com outra coleguinha representando um gesto de cortesia, assim a atividade foi finalizada deixando o varal exposto no pátio do projeto e sinalizado sobre a importância de praticar ações gentis, bem como elas poderiam dar continuidade alimentando o varal diariamente com palavras que representasse ações de gentilezas.

No segundo momento foi aplicado a Dinâmica do Pirulito, com intuito de promover reflexão sobre a importância do próximo em nossas vidas. Foi distribuído um pirulito para cada participante com as seguintes orientações: segure o pirulito com a mão direita, a mão esquerda deve ser colocada para trás e não pode ser utilizada em nenhum momento. Permanecendo com o braço direito esticado para frente, e o braço esquerdo para trás, os movimentos na dinâmica só seriam permitidos com o braço esticado. Ao iniciar a dinâmica as estagiárias comunicaram que as participantes teriam que chupar o pirulito de acordo com as orientações e regras, elas deveriam encontrar uma forma de chupar o pirulito. Neste momento duas das meninas percebeu qual seria o modo de chupá-los, assim as demais copiaram o mesmo modelo, que foi o de disponibilizar o pirulito para que a outra colega pudesse chupar. A atividade foi finalizada com algumas observações acerca da dinâmica abordando sobre a importância do outro em nossas vidas, pois todas conseguiram chupar o pirulito com a ajuda da outra colega, já que não era permitido dobrar o braço e nem utilizar a mão esquerda.

Neste segundo encontro as estagiárias optaram por trabalhar as relações com as meninas, com dinâmicas e atividades que propusessem a elas a reflexões sobre como tratar o outro e a importância de se ter o outro em suas vidas.

O âmbito familiar e escolar possui papel fundamental para o desenvolvimento de comportamentos, segundo Del Prette e Del Prette (2005), o investimento na qualidade dos relacionamentos interpessoais da criança está sob controle da família e das instituições responsáveis pela educação e desenvolvimento, os autores ainda consideram que esse tipo de investimento é importante, pois as dificuldades interpessoais tem mais probabilidade de mudanças quando são identificadas na infância.

Desta forma, esse encontro pode trabalhar os relacionamentos interpessoais das integrantes do grupo, com o objetivo de que as palavras de gentileza pudessem estar mais presentes nesse ambiente, assim facilitando as relações no grupo.

Del Prette e Del Prette (2005) discorrem sobre classes e subclasses de habilidades propostas como relevantes na infância, desta forma trazendo o conceito de civilidade:

Cumprimentar pessoas despedir-se, usar locuções como: por favor, obrigado, desculpe, com licença, aguardar a vez para falar, fazer e aceitar elogios, seguir regras ou instruções, fazer perguntas, responder perguntas, chamar o outro pelo nome (DEL PRETTE E DEL PRETTE 2005, P.46).

Sendo relevantes essas subclasses para o desenvolvimento de habilidades sociais na infância, as estagiárias colocaram no encontro a palavra de gentileza, que para os autores se trata de civilidade.

### **3.2.3 Terceiro Encontro**

O terceiro encontro teve por objetivo garantir a interação do grupo, trabalhar a cooperação e fortalecer o vínculo de amizade entre elas.

O encontro foi iniciado com a apresentação de uma proposta de gincana. Enquanto as estagiárias explicavam como as atividades iriam funcionar, foi perceptível o entusiasmo das meninas, pois elas sinalizaram que adoravam brincadeiras.

O grupo foi dividido em dois times, sendo uma estagiária responsável por cada time. A gincana foi iniciada com todas as integrantes participando das atividades, porém no decorrer das brincadeiras uma das participantes desistiu e não informou as estagiárias o motivo da saída, o que parece ter interferido no resultado da gincana. Com a desistência de uma das meninas foi perguntado sobre a possibilidade de dividir a pontuação entre os times, porém a maioria não concordou com a ideia. As estagiárias optaram por dividir a pontuação.

Ao final do encontro, foi solicitado um *feedback* sobre as atividades, e a maioria sinalizou que havia gostado e se divertido com as brincadeiras. As estagiárias disseram ao grupo que a premiação não era apenas para o time vencedor, mas também para todas as participantes. Com isso, foi enfatizado que como todas tiveram a oportunidade de se divertir com a atividade, e todas ganhariam o prêmio independente do resultado e elas concordaram.

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), a interação com amigos e fazer amizades é muito importante para o desenvolvimento da criança, pois as mesmas criam contextos que podem desenvolver habilidades sociais, a cooperação e reciprocidade, por

exemplo, sendo algumas dessas habilidades que poderiam ser adquiridas neste contexto retratado nesse trabalho.

Ainda segundo os autores, uma das condições gerais para se estabelecer a amizade e fortalecer vínculos é o contato social. Com a gincana proposta pelas estagiárias, foi possível facilitar o contato entre as integrantes do grupo, uma aprendendo com a outra, para que as mesmas pudessem desenvolver repertórios de habilidades sociais a partir do contato social.

### **3.2.4 Quarto Encontro**

O quarto encontro teve como objetivo, observar a atenção e concentração do grupo, mostrando também como ocorre uma relação de empatia e cooperação na prática.

Na primeira parte do encontro foi realizada a leitura de um texto em que contava a história de uma Lesma chamada “Lucia-já-vou-indo”, uma história com várias representações de empatia e cooperação entre os personagens, durante a leitura foi possível notar que algumas meninas estavam dispersas, enquanto outras mais atentas à leitura. Ao finalizar a leitura, as estagiárias indagaram as meninas sobre o entendimento da história, as maiores disseram que compreenderam, porém não quiseram fazer nenhum comentário, enquanto as meninas menores relataram partes da história que mais lhe chamaram a atenção. Em seguida, foram formados grupos com três participantes cada e proposto que elas ilustrassem um desenho a partir da história contada. As meninas deveriam se organizar de forma em que todas as integrantes do grupo pudessem contribuir com na construção do desenho.

A segunda parte da atividade foi a apresentação dos grupos sobre qual parte da história o desenho representava. As meninas maiores se recusaram a falar, já as meninas menores explicaram os detalhes do desenho. Desta forma, a atividade foi finalizada com uma reflexão acerca da história.

Foi solicitado que o grupo fizesse uma roda e todas relatassem o que estavam achando dos encontros. Algumas delas disseram que estavam felizes enquanto outras disseram que estavam se sentindo envergonhadas, uma das menores nos relatou que estava muito feliz em estar no projeto e adorava as atividades realizadas pelas estagiárias. As estagiárias disseram ao grupo o porquê da escolha da história contada, pois era uma história que trazia exemplos de comportamentos que elas já vinham trabalhando no grupo e que ainda iriam trabalhar, falando um pouco mais sobre a importância da cooperação e empatia.

Segundo Del Prette e Del prette (2005):

Algumas crianças precisam aprender separadamente cada um dos componentes próprios do conjunto de habilidades empáticas. Para a aquisição dessas subclasses, alguns processos psicológicos, como a observação, a percepção, a escuta, a atenção, a memória e o pensamento, precisam ser exercitados no contexto interpessoal. De certa forma o treinamento de habilidades sociais empáticas abrange todos esses aspectos, incluindo a capacidade de discriminar os sinais emitidos pelo interlocutor (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, P.156).

Ainda segundo os autores, as vivências são importantes para esse processo de aquisição de comportamentos de empatia. Com isso, neste encontro foi possível levar como vivência a história de “Lúcia-já-vou- indo”, para que o grupo pudesse experienciar a empatia e cooperação.

### **3.2.5 Quinto Encontro**

O quinto encontro teve o intuito de trabalhar a cooperação e o desenvolvimento em grupo.

Foi realizada a atividade da colagem, as integrantes foram divididas em dois grupos e diversos desenhos foram distribuídos, papéis crepons coloridos, tesouras e cola para cada grupo. A orientação dada foi que todas as participantes deveriam preencher os desenhos impressos com pequenas bolinhas amassadas de acordo com sua criatividade. As meninas utilizaram diversas cores para preencher os desenhos, elas se organizaram na atividade, enquanto umas cortavam e embolavam as bolinhas, outras foram colando no desenho impresso.

Tendo em vista o objetivo de trabalhar em equipe, foi notada a cooperação na decoração dos desenhos, o primeiro grupo que concluiu a colagem ofereceu ajuda ao outro grupo oposto. Por fim, os desenhos foram expostos no mural do pátio do projeto.

Del Prette e Del Prette (2005) estabelecem cinco classes de habilidades sociais, no qual denominam como Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais, as classes passaram a refletir habilidades sociais correlacionadas entre si, explicar e justificar características situacionais. Uma das classes citadas pelos autores é a cooperação que está relacionada com a ajuda aos outros, compartilhar materiais, seguir regras e instruções.

Com a atividade realizada pelas estagiárias, foi possível observar o trabalho em equipe e a cooperação entre o grupo.

### **3.2.6 Sexto Encontro**

O sexto encontro teve como objetivo vivenciar um momento de *feedback*

motivador entre as pessoas do grupo, despertando para a importância da valorização do outro e do elogio.

O encontro foi iniciado com a “Dinâmica do Reforço” e orientado para que cada uma das meninas colasse um crachá nas costas da colega e atribuísse uma qualidade. As estagiárias formaram filas para que todas pudessem escrever uma nas costas das outras.

A dinâmica foi encerrada com um círculo em que todas deveriam retirar o crachá das costas e ler as qualidades registradas pelo grupo e dizer como se sentiu ao receber tais qualidades. Uma delas sinalizou não acreditar nos elogios escritos pelas colegas.

No segundo momento do encontro foi realizado um teatro enfatizando sobre três padrões de comportamento: assertividade, passividade e agressividade. As integrantes foram divididas em três grupos, e posteriormente foi atribuída uma situação para cada grupo encenar. Foi estipulado um tempo para que as participantes pudessem ensaiar, por fim, as meninas encenaram de forma descontraída e divertida. O encontro encerrou com uma reflexão sobre quais atitudes saudáveis a serem tomadas diante das situações de desconfortos em nossas vidas, pois elas enfatizaram sobre a importância de agir de forma assertiva.

A assertividade é uma classe de habilidades sociais de enfrentamento em situações que envolvem risco de reação indesejável do interlocutor, com controle da ansiedade e expressão apropriada de sentimentos, desejos e opiniões. Ela implica tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e de outras reações não habilidosas (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, P.175).

### **3.2.6 Sétimo encontro**

O último encontro teve como objetivo agradecer a participação das meninas, bem como a colaboração de todas nos encontros.

No encerramento dos encontros, foi realizada uma roda de conversa e atribuído uma devolutiva geral dos encontros. As estagiárias enfatizaram a respeito das atitudes passivas, assertivas e agressivas abordadas no encontro anterior e reforçaram sobre a importância de expressar nossos sentimentos quando algo nos incomoda, bem como a possibilidade de se comportar de maneira assertiva para não causar desconfortos aos outros.

Durante a roda de conversa foi montado uma árvore com intuito de identificar as coisas boas que plantamos e colhemos durante o projeto. Conforme elas apontavam os pontos positivos, foram colocadas maçãs na árvore representando as coisas boas que

foram aprendidas durante os encontros.

Sendo assim conforme Britto e Elias (2009) no contexto terapêutico é comum observar pessoas expostas a eventos aversivos, pessoas que relatam esses estados emocionais negativos como consequência de algumas experiências. Quando a pessoa é reforçada por falar ou escrever sobre sentimentos, resultará melhora dos seus estados emocionais negativos. Verbalizar ou escrever o que se sente são duas maneiras que uma pessoa encontra para lidar com os efeitos dos eventos aversivos.

Del Prette e Del Prette (2005) discorrem sobre a importância de novas aprendizagens para o desenvolvimento de habilidades sociais, no encontro de encerramento foi possível destacar, refletir e discutir entre o grupo sobre os aprendizados adquiridos durante os encontros.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve como objetivo relatar a experiência vivenciada por quatro estagiárias do curso de psicologia em um projeto social na cidade de Cuiabá no estado do Mato Grosso. A proposta buscou identificar, refletir e intervir em um ambiente com crianças em situação de vulnerabilidade social, buscando meios para o desenvolvimento de habilidades sociais neste ambiente.

Para buscar meios para o desenvolvimento dessas habilidades sociais, se fez necessário observar os comportamentos já emitidos no ambiente antes de qualquer intervenção. Para entender os comportamentos emitidos e os comportamentos desejáveis a serem emitidos, será utilizado o conceito de Comportamentos Clinicamente Relevantes (CRBs).

De acordo com Borges e Cassas (2012):

Os Comportamentos Clinicamente Relevantes (CRBs) são assim divididos: CRB1-comportamento problema que deve reduzir de frequência ao longo do processo clínico; CRB2-comportamentos diferentes dos CRBs1 que indicam “melhora”, que devem aumentar de frequência ao longo do processo clínico; CRB3-análise de contingências feitas pelo cliente sobre seu próprio comportamento (BORGES E CASSAS, 2012, P.164).

Neste contexto, nos encontros realizados foi possível identificar os CRBs1, que deveriam diminuir suas frequências; identificar e reforçar os CRBs2 para que fosse aumentada suas frequências; e também proporcionar um ambiente em que os integrantes do grupo pudessem analisar e refletir sobre seus comportamentos (CRBs3), para assim promover possibilidades para o desenvolvimento de habilidades sociais.

Foi possível observar e identificar alguns comportamentos problemas, tais

como: Resistência nas atividades propostas, agressividade, desrespeito com as colegas, não escuta nas falas das estagiárias e colegas, e xingamentos.

Segundo Bolsoni-Silva e Carrara (2010), as habilidades sociais são um conjunto de comportamentos emitidos diante das demandas de uma situação interpessoal, desde que aumentem os ganhos e reduzam as perdas para as interações sociais. Assim para a melhora nas interações sociais das integrantes do grupo, foram pensados encontros onde foi possível proporcionar reflexões em torno dos CRBs1 emitidos pelo grupo, trabalhando o processo de integração e respeito em suas interações.

De acordo com o conceito de modelagem trazida por Borges e Casas (2012), após a identificação dos comportamentos, foram feitos trabalhos de aproximações sucessivas, com o intuito de extinguir alguns comportamentos problemas e modelar novas respostas. Atividades que promoviam empatia, onde as estagiárias dialogavam com o grupo expondo os sentimentos e percepções dos encontros e espaço que cada uma pudesse expor sua opinião, com o intuito de desenvolver repertórios de melhora no grupo. Com a vulnerabilização das estagiárias, foi possível notar maior interação e aproximação do grupo.

Inicialmente os grupos mostraram-se resistentes aos encontros, e conforme os encontros foram acontecendo às atividades, os comportamentos de melhora foram aparecendo, tais como: espera da vez para falar algo (escuta da colega), falar palavras de gentileza, melhora do vínculo entre integrantes do grupo assim como com as estagiárias. Foi possível notar a melhora nos repertórios comportamentais referentes às habilidades sociais.

No último encontro, as estagiárias discutiram junto ao grupo todo o processo dos encontros, proporcionando um momento para que fosse refletida a possibilidade de levar para outros ambientes as experiências vivenciadas e os CRBs2 emitidos no decorrer dos encontros. Devida à limitação das estagiárias perante outros ambientes em que as integrantes do grupo estão inseridas (família, escola, etc.), não foi possível identificar ou discorrer sobre tais generalizações.

Pode-se perceber que a proposta dos encontros, em uma perspectiva psicossocial, utilizando-se de métodos como roda de conversa, dinâmicas em grupos, brincadeiras, teatro, músicas e histórias, com enfoque no trabalho em equipe, puderam trazer grandes contribuições para o desenvolvimento de relações mais saudáveis dentro do grupo, proporcionando maior desenvolvimento nos repertórios de habilidades sociais.

A oportunidade de construção de um material, onde foi possível proporcionar intervenções para desenvolvimento de habilidades sociais, em um grupo onde se tem como público meninas em vulnerabilidade social foi uma experiência construtiva e gratificante. Pensando em demais projetos sociais na cidade de Cuiabá, a iniciativa de novas propostas de intervenções em demais grupos, seria de grande contribuição para os mesmos. O conhecimento e resultados adquiridos pelas estagiárias despertaram o interesse de novas pesquisas e intervenções para contribuição com o desenvolvimento de habilidades sociais em projetos sociais que atendam crianças em vulnerabilidade social.

## 5.REFERÊNCIAS

AURÉLIO. Dicionário online de Português, 2008, 2017. Acesso em: 30 set.2017. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/>

BORGES, N. B & CASSAS. **Clinica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos**. Porto Alegre, Artmed, 2012.

BRITTO, Ilma A. Goulart de Souza; ELIAS, Paula Virgínia Oliveira. **Análise comportamental das emoções**. Psicol. Am. Lat., México , n. 16, jun. 2009. Acesso em: 07 de outubro 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2009000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2009000100004&lng=pt&nrm=iso)

CAMPOS, Anthonia; GUSMÃO, Luciana. **Programa de intervenção com educadores do projeto socioeducativo da cidade**. Revista eletrônica da educação, ano II, n03, ago /dez, 2008. Acesso em: 29 de outubro de 2016, disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao3/Artigo3.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao3/Artigo3.pdf)

DE CASTRO BELLINI-LEITE, Samuel; VARGAS, Pedrita Reis; DE MATOS IRENO, Esther. **A importância das relações interpessoais satisfatórias: uma revisão da literatura sobre habilidades sociais**. CES Revista, v. 26, n. 1, p. 173-288, 2012.

DEL PRETTE, Zilda A.P; DEL PRETTE, Almir, **Psicologia das habilidades sociais na infância : teoria e pratica** / ilustração Marcela Cristina de Souza. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUARESCHI, Neuza MF et al. **Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo**. Estudos e pesquisas em psicologia, v. 7, n. 1, p. 0-0, 2007.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Jogos teatrais na escola pública**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, n. 2, p. 81-97, July 1998. Acesso em 17 de abril de 2017. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200005&lng=en&nrm=iso).

NOVAES, Maria Helena. **Processos criativos no ensino-aprendizagem: uma contribuição da psicologia escolar.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 46-65, jan. 1989. ISSN 0100-8692. Acesso em: 17 Abr. 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/21720>

SAMPAIO, Juliana et al. **Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano.** Interface (Botucatu), Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1299-1311, 2014. Acesso em 17 de abril de 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000601299&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601299&lng=en&nrm=iso)

TURINI BOLSONI-SILVA, Alessandra; CARRARA, Kester. **Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas.** Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, ago.2010. Acesso: 10 de abril de 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682010000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200007&lng=pt&nrm=iso)

VERGARA, Sylvia Constant. **Repensando a relação ensino aprendizagem em administração: argumentos teóricos, práticas e recursos.** Organ. Soc., Salvador , v. 10 n. 28, p. 131-142, Dec. 2003. Acesso em 17 de abril de 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-92302003000400009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302003000400009&lng=en&nrm=iso)